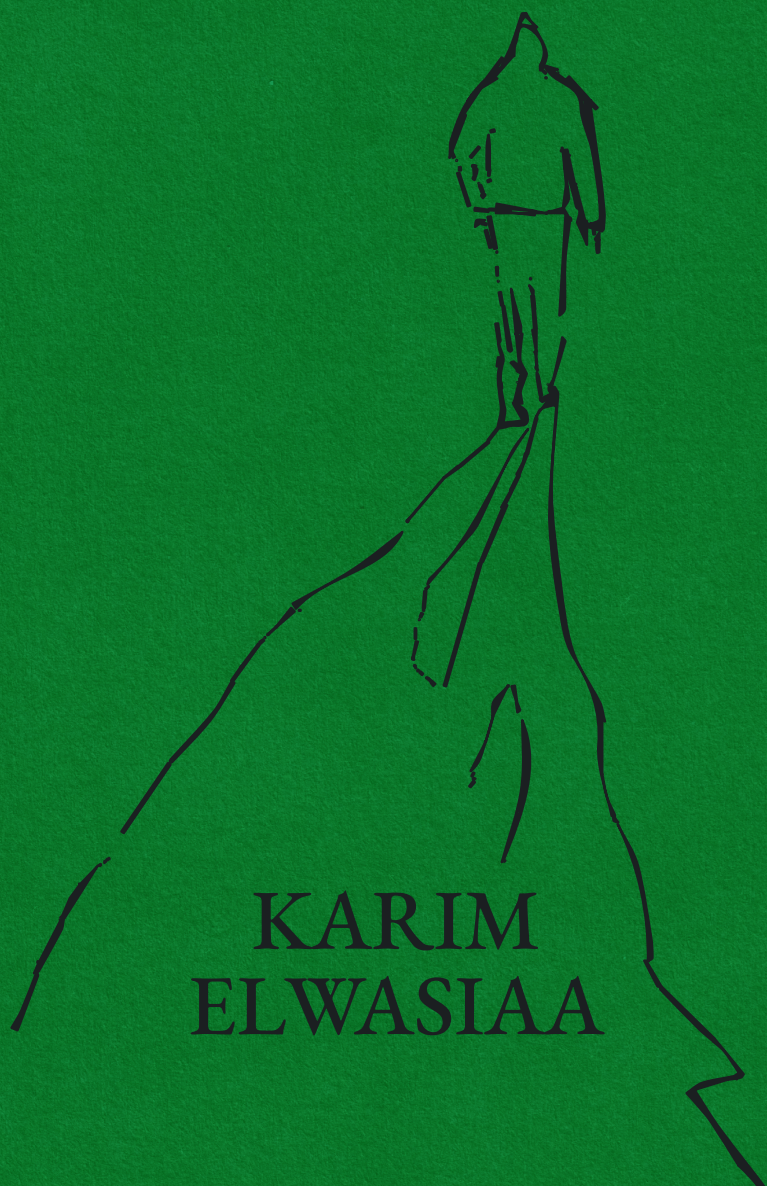


# ORAÇÃO



KARIM  
ELWASIAA

ORAÇÃO



Trabalho de Conclusão de Curso em Design -  
Comunicação Multissensorial e Arte na PUC-Rio.  
Copyright © by Karim Elwasiaa, 2024.

Os direitos desta edição pertencem a  
Karim Elwasiaa.

*Editor*

Karim Elwasiaa

*Orientador*

Carlos Eduardo “Cadu” Felix da Costa

*Apoio*

Izabel Oliveira, Julieta Sobral e Luiz Ludwig

*Capa e projeto gráfico*

Karim Elwasiaa

*Pré-impressão e impressão*

Julieta Sobral e Gráfica J. Sholna

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do autor.

# ORAÇÃO

**Rio de Janeiro [BR]**

**Deserto do Saara [MA]**

**Grindr [APP]**

**Patagônia [AR]**



**Artes  
&  
Design**

**KARIM  
ELWASIAA**







ORAÇÃO

# Sumário

[PREFÁCIO]	9
[A MEMÓRIA & O MENSAGEIRO]	15
[AMOR RAIZ]	25
[JE SUIS LE PLUS BEAU]	43
[A MENTE DESÉRTICA]	45
[BICHO]	55
[TEXTOS & REFERÊNCIAS]	85





# [Prefácio]

Oração é um impulso textual, audiovisual, instalativo e performático do corpo social que está em travessia à selvageria. A principal ferramenta utilizada é a caminhada lenta, quando se alimenta a alma de memórias genuínas — contra as lembranças do cotidiano na urbe — e se coloca os pés em sintonia com o vento, a respiração marcando todos os segundos atuais.

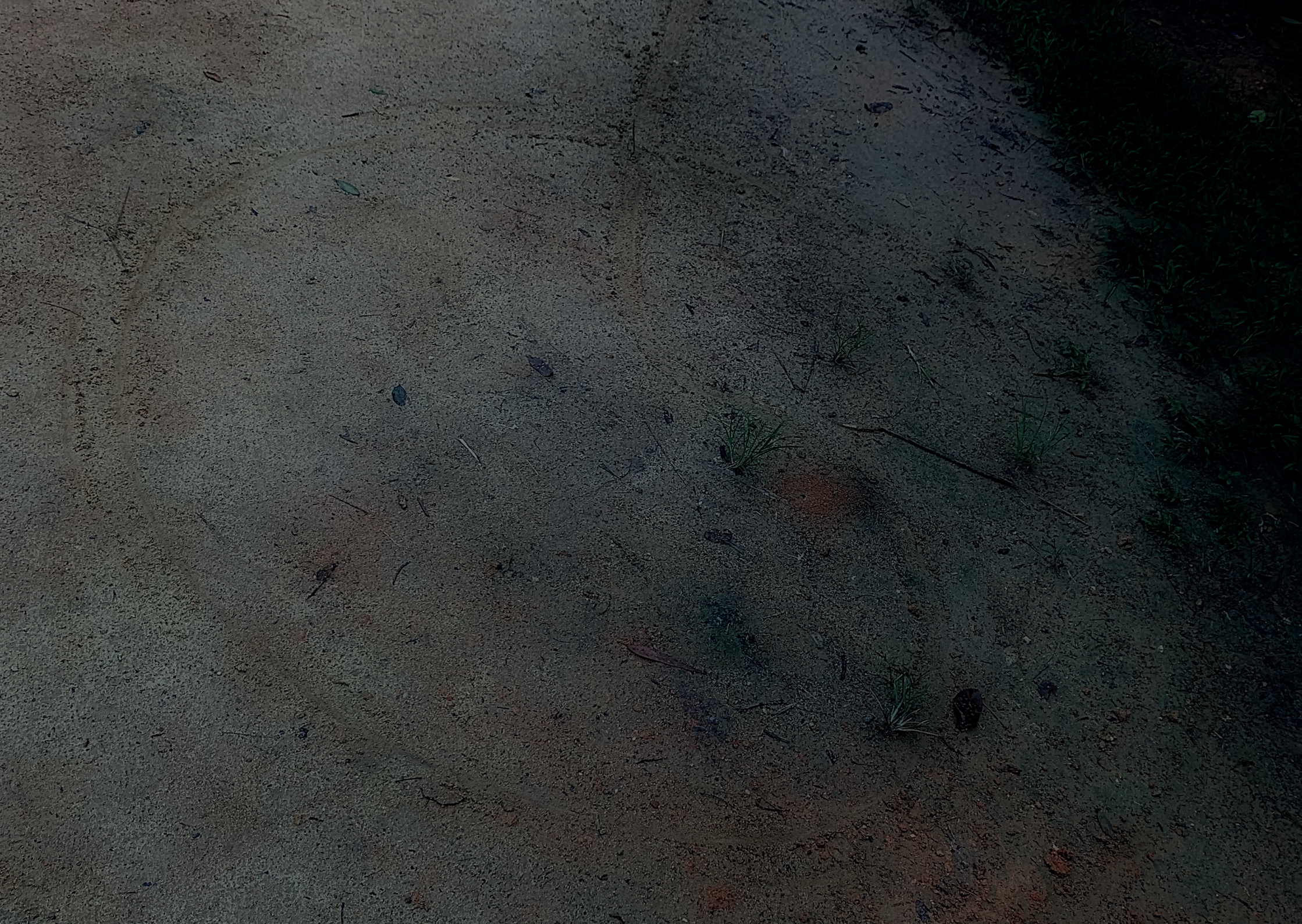
A transição busca o ser primitivo que os que já nascem adestrados perdem a chance de encontrar nessa vida. O objetivo é de se perceber enquanto caminha, se perceber na malha da vida, ser coisa num emaranhado de tantas outras e mesmas coisas (Ingold, 2012) e ir para frente. Incentivar aos que tiverem contato com o projeto a partirem, sempre.

Durante a produção textual deste material foram realizadas experiências caminhantes e rastreáveis em espaços urbanos, desérticos, virtuais e rurais, se apropriando das seguintes locações para apoiar o período contínuo de trânsito: Rua Mundo Novo, Botafogo - Rio de Janeiro, RJ [BR]/Erg Chebbi, Tafilalet - Deserto do Saara [MA]/Aplicativo Grindr/Moquehue, Neuquén - Patagônia [AR].

*Meu ânimo infalivelmente se elevará em proporção à  
aridez exterior. Dêem-me o oceano, o deserto ou a selva!  
No deserto, o ar puro e a solidão compensam a ausência  
de umidade e fertilidade.*

— **Henry David Thoreau**, *Caminhando*.







# [A memória & o mensageiro]

É a primeira vez que ando pelo caminho do Novo Mundo e a última ladeira crescente pela qual passei me fez memorar dos sonhos febris de assassino-rápido X presa-lenta correndo-andando pelas ruas de uma casa ou de outro cenário qualquer. Um lugar que está já guardado em algum espaço da memória, mas que, em alguma instância, foi alterado. Me recorro de quase todas as febris quimeras imaginativas e dos que tentaram me matar, inclusive do sujeito covarde que me engatilhou um tiro através de minha nuca e me deixou estirado no chão da vila onde eu morava com um buraco meio quente aberto na pele da cabeça (acho que não perfurou o crânio).

Esse caminho me passa essa sensação. Nunca estive aqui fisicamente, tampouco havia ativado propositalmente o estado de caminhante-ativo para fins da passividade sensorial de um corpo da natureza que recentemente começou a entender-se como parte dela e que, agora, está tentando absorver tudo o que ela queira ensinar. Uma verdade é que fazer parte é aprender, ensinar, construir, demolir, renovar e esquecer. Não acredito na

arte do lembrar — tudo o que nos vêm à mente na construção de um raciocínio está presente no inconsciente, ou seja, na alma de nossos pensamentos, permanentemente, até que nos esqueçamos. Apesar de achar estranho o fato de que subestimamos o nosso próprio corpo e acreditamos que coisas são lembradas apenas quando chegam no consciente, o último caminho antes da fala (seja como seja), eu acredito na memória. Memorar e lembrar são objetos distintos, opostos.

Existem essas ladeiras que quando se sobe, se sente os músculos das pernas alinhados com o vento, as mãos em um certo esquema de apoio, a respiração como um relógio marcando os segundo e os pés, sem pressa. O corpo que caminha devagar desperta as memórias do ser que é parte do universo, desligado das obrigações falsas do dia a dia mercantil e pessoal. Talvez a atuação do lembrar esteja atrelada à rotina — lembrar dos horários das chegadas e partidas, lembrar das quantias a pagar e a cobrar, lembrar até de não lembrar quando já estamos saturados de levar os dias dessa maneira —, presente em nós como algo desnatural, uma fórmula frágil e fictícia do que supostamente nos levará ao sucesso ou a um bem-estar social.

A caminhada lenta é contrária a tais suposições. Além de se perceber enquanto caminha, os passos são cada vez mais conscientes e menos atrapalhados, o olhar muito mais impressionado com o entorno, dando-se início a jornada que é acessar as memórias do ser onipresente:

*Caminhando, nada se desloca de fato: mais parece que a presença se instala lentamente no corpo. Caminhando, o que ocorre não é tanto que nos aproximamos, e sim que as coisas lá longe insistem cada vez mais em nosso corpo.<sup>1</sup>*

Morrer é passar a existir. A decomposição da matéria apaga todas as amarras narcisistas e pequenas que nos acompanham na urbe. O futuro pós-morte do corpo social é, possivelmente, a maior chance que temos de, com toda certeza, nos entender como parte do universo. Não que o cosmos esteja esperando o momento em que a raça humana se ecumenize e mude seu *modus operandi* em prol de uma justa maneira de viver — ou talvez esteja —, mas estaremos seguros apenas onde não nos comovemos mais por histórias da Disney e Coca-Cola. Enquanto isso, a caminhar.

Às vezes, sinto que eu não pertenço mais aqui, como se fizessemos parte de algo muito maior, esperando pelo momento certo chegar. Não quero abandonar tudo e nem devemos apagar a nossa responsabilidade com o solo por onde caminhamos, mas a realidade é que sinto falta da inocência em experimentar coisas pela primeira vez. Me apaixonar, perder o encanto, solidão durante bons momentos, sentir-me bem enquanto nunca estive tão só.

---

<sup>1</sup> Frédéric Gros, *Caminhar, uma filosofia*.



Outro dia havia um corpo de luz voando lá em cima a caminho de várias direções, até que veio até mim. Existe, simplesmente, algum tipo de conexão relacionada ao pequeno humano que habita um pequeno planeta que de alguma forma existe em um lugar tão grande que te faz chorar. A vida aqui — como a conhecemos —, está quase no fim.

Não tenhamos pressa, entretanto. O mundo é vasto e a nossa alma é tão grande quanto ele, mas se temos pernas, há de caminhar. Esqueçamos das etapas seguintes (também não percamos tanto tempo figurando o que fomos) e foquemos na inquietude presente: temos que partir. Nem todos seguiremos a iniciativa de abandonar os lugares que não nos cabem mais, talvez nem todos sentiremos o que é necessário para fazê-lo. Merda de nhe-nhe-nhem poderoso que extasia e estagna.

*Para partir, caminhar, tem de haver raiva. Isso não vem de fora. Não caminhar como que atendendo a um chamado de mundos desconhecidos, a uma promessa de verdade revelada ou à tentação de uma busca do tesouro. É, antes, essa ânsia interior. No fundo das entranhas a dor de estar aqui, a impossibilidade de ficar parado, de deixar-se enterrar vivo, de simplesmente ficar.<sup>2</sup>*

<sup>2</sup> Frédéric Gros, *Caminhar, uma filosofia*.



Também sinto a falta de motivação. Aqui se conquistam coisas, tudo material e algumas evoluções da mente quanto uma trabalhadora da instituição humana. Eu, com 22 anos, conquistei o que esperavam de mim (e o que quis explorar dentre as opções triviais): Concluí meus ensinos básicos, juntei uma quantia de dinheiro e fui a solos estrangeiros, termino a minha graduação em uma universidade de prestígio e tiro uma pequena parte de meu tempo para escrever sobre o que tenho sentido nos últimos anos — a gente “comum” ama se identificar com poesias cotidianas e melancólicas, nos lembram que não estamos sozinhos nesse mundo que nós mesmos fazemos traiçoeiro.

Meu novo questionamento é se há por aí alguém que busque independência e se algum dia poderemos juntos aproveitar integralmente esse capítulo da história. Faço um chamado à todos aqueles que desaprovam os responsáveis pelos que aplaudem ao sol enquanto se embebedam de uma garrafa Heineken na rocha mais superfaturada do Rio de Janeiro, e que possamos aplaudi-lo de um outro lugar, talvez numa floresta de Mata Atlântica que temos destruído, enquanto bebemos uma caipirinha barata da Lapa (não me perguntem sobre a logística).

Hoje, descansando no paredão do Museu de Arte Moderna, experiencio algo curioso às 18:09. O cachorro correndo livremente com uma coleira enganchada em seu pescoço acaba de vir me avisar algo, seu dono caminha atrás dele sem se preocupar com a mensagem. Veio também um grupo de assaltantes,

logo depois de um trio que disse “Cuidado!” a todos que estavam sentados perto de mim. Me levantei com medo de levarem tudo o que conquistei, meu celular eu mesmo paguei. Os vi de longe levando o de outras pessoas, mas que de alguma forma era meu, deles também. Em algum momento todos nós ajudamos na produção, na compra e na venda desse dispositivo. Espero que não nos sintamos tão mal, apesar da violência.







# [Amor raiz]

Durante 2023, caminhei muito por Madri, uma das famosas *walkable cities*, mais do que estava acostumado. Morava no centro da metrópole, no bairro de Malasaña — distrito nomeado a partir de Manuela Malasaña, assassinada em 1808 pelas tropas francesas, e revolucionado pela Movida Madrileña nos anos 80 —, e, por isso, conseguia caminhar com agilidade até a casa de Tim.

Posso dizer que sou mais feliz quando caminho porque sinto orgulho do esforço feito por nós para chegar de um ponto ao outro com nossas próprias pernas, renunciando o auxílio de qualquer maquinário e da chance de culpá-los por quaisquer intercorrências no trajeto. Eu gostava de sair de casa até a do Tim em Chueca para fazermos qualquer coisa. Era como um ato cortês usar o meu tempo e meu corpo para chegar até ele, e, às vezes, ele até mim. Nunca no meio do caminho.

*Tenho tesão em homem que não me deixa escolher nada, só chega e fala assim: fica pronta às 20 horas, to passando aí pra te buscar 🍷.*<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Brenda Almeida, X (27/03/2024).



Um pouco sadomasoquista. A mim, me agradaria escolher algo. Independente dos desejos sexuais da pessoa, o caminhar como gesto romântico (no Rio de Janeiro, o sujeito homem, provavelmente, a buscaria de carro ou de moto, e não o culpo) pode ser um dos maiores presentes a se receber.

Ao ir de encontro ao outro, se caminha pensando na frase que saudará a pessoa, a imaginação alimentando uma parte de si, e vice-versa, que logo se compartilhará com o outro, um gesto. Se vai pelo caminho criando, formulando, se desenvolvendo. Andar por aí é, primeiramente, estar seguro consigo mesmo em meio aos acontecimentos do mundo. Estar feliz. A partir desse entendimento, conseguimos refletir tamanha felicidade e nos permitir ter/receber um efeito positivo sobre alguém. Existe um propósito nesse “andar”, um estado ativo dos sentidos que nos permite autoperceber enquanto cenário, e que a cada vez que for ignorado, o corpo natural/absoluto/puro se desassocia de nós um pouco mais.

Caminhar romanticamente deve ser fruto de um trabalho principal: mover-se para frente. Mesmo que se esteja voltando para casa — fazendo o caminho reverso —, o sentimento da alma pode ser algo eufórico, pois tudo estará diferente. Já não se é mais o mesmo após a caminhada. As ganas de chegar a algum lugar é ir em frente e partir novamente é consequência dessa percepção. A autonomia sobre o próprio corpo (movimento), a manifestação da mente (vontade) e a abertura da

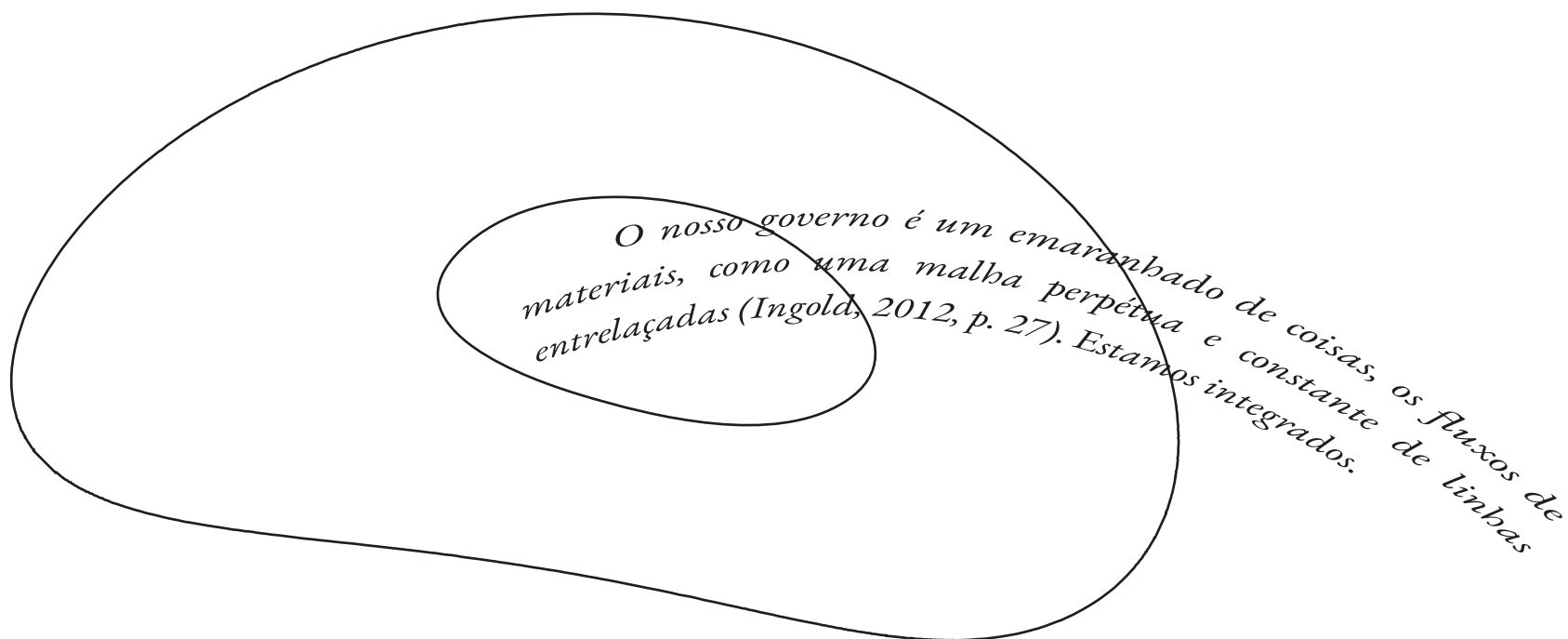
alma (desimpedimento) são as três ferramentas necessárias para seguirmos.

Enquanto eu preparava o meu café da manhã antes de partir para mais uma caminhada ao Novo Mundo, me deparei com um jogo magnético de palavras preso na geladeira do apartamento para o qual eu acabara de mudar. Não pude deixar de perceber as palavras *forest* e *dreams*, o que resultou na construção de “The forest’s shadow is garden to my dreams”<sup>4</sup> — a única frase possível, que surgiu a partir de tantos outros vocábulos.

Na floresta, tudo é possível porque tudo é coisa, todo corpo é vivo, inclusive os mortos. Caminhar por um aglomerado de raízes que buscam do solo nutrientes e da luz, energia, é uma grande ferramenta da nossa percepção sobre como a Terra se movimenta. Ou melhor, é essencial — uma imagem bem clara — para enxergar como todos nós coexistimos em diferentes lugares simultaneamente e onde mais podemos chegar.

---

<sup>4</sup> A sombra da floresta é jardim para os meus sonhos.



Amar alguém de verdade mais é a possibilidade de sentir-se confortável ao silêncio verbal do outro enquanto se caminha do que falar o que, na verdade, não faz diferença. Estar aberto a expandir a escuta para apreciar o ruído do entorno e partir caminhos quando necessário (ritmos e jornadas diferentes) pode ser parte de um processo genuíno do encontro. Em algum momento, depois da bifurcação, nos veremos de novo.

Tenho certeza de que vamos. Ir para frente, sair daqui, chegar a algum lugar (e quando chegar, partir), estar aqui e lá, ser tudo, principalmente ser presente e, em algum momento, estar futuro. Não sei quem fui — outra coisa devo ter sido — e só me preocupo com o que há de acontecer com a alma de agora. Esse corpo nasceu e é único, a jornada dele se dá entre vida e próxima vida.

Percorrer o mundo sobre pernas é o mesmo que ser árvore, criar raízes longas por aí das que se entranham até o para sempre. Essas estirpes que atravessam a Terra e chegam no outro lado como rachadura no chão, transformadas e mesmas, ao mesmo tempo, querendo tomar o mundo. São as antípodas entre Honório Serpa no Paraná (BR) e Naha no arquipélago de Okinawa (JP), deserto e oceano, meus pés e chão de amanhã. Nascer e renascer, ou melhor, caminhar e seguir.

Cadu, orientador desse material e investigador da selva-geria do humano primitivo dialogada com a paisagem, traz com

sua experiência em “Hornitos” (2014) no Chile o medo que os solitários em errância, os em trânsito que vivem com o somente necessário, devem ter de se contentar com a chegada<sup>5</sup>. Nunca chegamos lá definitivamente, o espírito precisa mover-se para sentir-se cheio.

Não há paisagem assombrosa o suficiente ou apego tão grande capaz de travar a próxima caminhada. Quando se chega, se parte e enquanto caminha, chegamos a todo momento onde devemos estar. Toma-se a curva, sente-se a chuva, a floresta nos abraça — e, de repente, eu sou o braço direito —, o cão selvagem vira um primo distante e assim vivemos. Quer voar? Tem que ter o pé na terra para começar. O mesmo convém quando os humanos nadam, se deslocam até a borda e pulam. Independente do que se faz, caminhar é a configuração do corpo, o *default*. Claro que os pés podem ser pés e tudo mais, não importa, na verdade, se o caminho é transitado por uma cadeira com rodas ou com auxílio de uma bengala. O ideal é mover-se com o seu principal pé, seja ele qual for, sem interferência do que não é necessário. O importante é marcar o solo com presença de corpícho natural (os siliconados estão inclusos, falo do natural que transcende as relações “Big Brother”) e espírito genuíno.

A vida pura.

---

<sup>5</sup> Michelle Sommer, *Práticas contemporâneas do mover-se*.





As lágrimas descem pelo rosto e deixam um rastro que é a única prova de que se viveu. Só existo após sair de A a M, já no meio do caminho e sem olhar para trás buscando respostas de incertezas banais: Aproveitei tudo o que podia aproveitar? Se lembrarão de mim? O que deixei ali é especial? São coisas que nunca saberemos ao certo e não há uma resposta, o efeito da passagem muda a cada momento e atinge tantas moléculas vivas que calcular seu impacto é se fechar ao passado perpetuamente. A cabeça gira apenas até certo ponto, talvez seja melhor respeitá-la e focar no em frente, na direção para onde o nariz naturalmente aponta.

Nesse meio de caminho é importante encontrar o que podem ser moradas provisórias, como as cabanas de Thoreau<sup>6</sup> e Cadu<sup>7</sup>. Depois de horas evaporando os nutrientes por aí, o corpo pede pela recomposição, um descanso para o ser fiel que fisiologicamente não tem a mesma energia do ser selvagem. É uma dualidade que se bem aproveitada, gera frutos para ambos. A caminhada descansa a alma porque a completa, mas as pernas que caminham precisam desse momento de pausa ali entre o fim do pôr do sol e às 04:00 para darem espaço às mãos, à escrita, ao registro dos pensamentos desse que já nasceu adestrado. Deem-lhe um tempo. Também um caderno. Ainda que seja um pedido do mundo ordinário, não podemos esquecer que ainda vivemos nele.

---

<sup>6</sup> Henry David Thoreau, *Walden*.

<sup>7</sup> Cadu, *Estações*.





RUA MUNDO NOVO



O que aprendemos no trajeto fica na memória, mas ela tem sua própria vida e acessá-la é complexo. Simplesmente sou tudo o que ela guarda, mas não a conheço por inteiro, não são palavras e conceitos concretos (para isso temos a lembrança). Muito do que vi também ela maturou e já não sei mais o que é. Por isso, gosto de anotar o que consigo para compartilhar e iniciar/embarcar nas discussões que convêm, não é para futuro saudosismo. E se tiver que pagar R\$60,00 por um caderno de páginas amareladas, transferindo o tempo de fazer um eu mesmo (desde as folhas até a capa) para a caminhada do dia, eu farei. Mais tempo para caminhar = caminhar mais lento. Pago o que puder pela praticidade de tudo que me ajuda a concentrar no que importa. Quero ser radical na rua, já na reclusão da morada e no descanso, serei prático. Uma boa janta e um céu estrelado. Um travesseiro macio e uma manta quente comprados numa Tok&Stok da vida.

Sinto que — é algo de sentir mesmo, não creio ser possível ter alguma certeza sobre o próximo tópico — que enquanto caminhamos, estamos em sintonia com a malha da vida e nos tornamos de tudo um pouco, inclusive vou de encontro com a minha própria alma e estamos felizes, mas nós dois também nos separamos. Somos todos gêmeos siameses do espírito, ele que está conectado a nós e nós que o alimentamos através de nossa própria boca. Fazemos parte do mesmo corpo, compartilhamos funções e sentimos junto, mas há uma autonomia (não independência). Em 2020, no início da pandemia do Covid, co-

mecei a fabular a relação da Alma que, após tanto fazer companhia a um alguém solitário em seu quarto, consegue se separar e viver no lugar de seu “dono”, o próprio corpo. Inspirado pelo conto A Lontra<sup>8</sup> de Benjamin, um dos discursores da figura do flâneur — o que caminha no contrafluxo da cidade, criando mitologias urbanas distantes do sistema capitalista instaurado —, imagino um descolamento:

*Vazio é quando a minha alma fala e é o que ela tem sido. Minha alma está vazia, falta o silêncio e a falta dos pesadelos. Me ocorre isso muito quando me prendo, minha alma fala alto e enjaulada e assusta e sussurra e ela não me ama e eu a temo. A alma Differens, a que não me pertence, ela que tomou a vida própria e a minha vida. A alma Ferre minha segurança consigo, me aproxima do pecado e me distancia do perdão. Quase que aos poucos, me prendi junto da minha alma e numa sutileza a alma me enxerga. Me prendi inteiro e ela me prendeu sem a alma. Ela deixa de ser minha quando não me pertencço mais. A alma deixa de ser minha quando ela foge comigo e me deixa aqui como se a culpa fosse inteira desse que me restou, como se fosse o inteiro pelo resto. Se eu ainda sentir, sinto que gosto quando ela vai por mim, no meu lugar. Agora que não sou mais de lá, talvez seja meu um dia o sonho de ser.*

---

<sup>8</sup> Walter Benjamin, *Infância em Berlim por volta de 1900*.

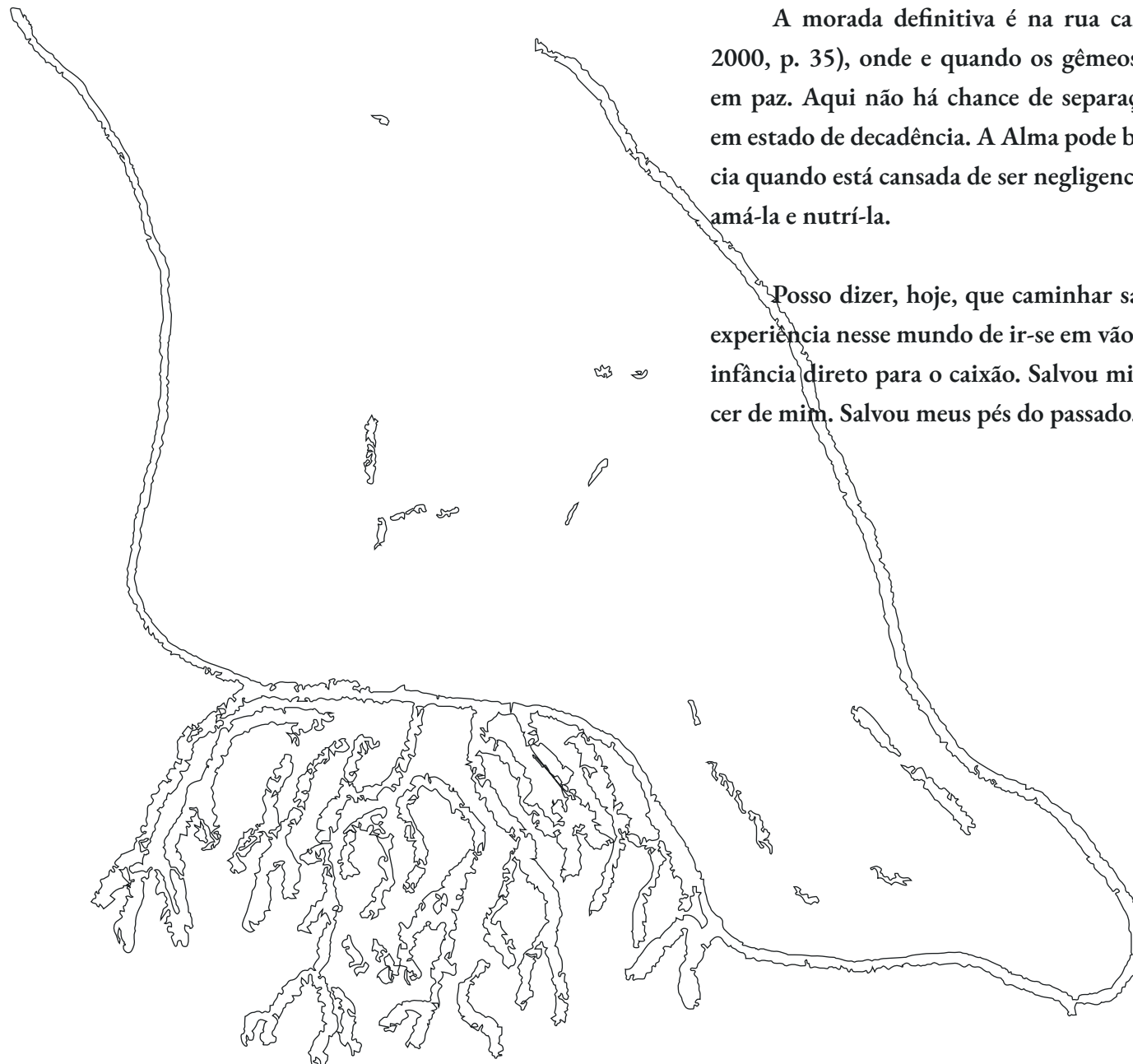


*Por enquanto, a alma faz o impossível, se leva de mim  
e só volta para me observar aqui dentro. A alma fala e  
eu esvazio.*<sup>9</sup>

A Alma fala  
e eu  
esvazio.

---

<sup>9</sup> Karim Elwasiaa, *A Alma fala e eu esvazio*.



A morada definitiva é na rua caminhando (Benjamin, 2000, p. 35), onde e quando os gêmeos estão em comunhão, em paz. Aqui não há chance de separação, pois nenhum está em estado de decadência. A Alma pode buscar sua independência quando está cansada de ser negligenciada por quem deveria amá-la e nutrí-la.

Posso dizer, hoje, que caminhar salvou nós dois. Salva a experiência nesse mundo de ir-se em vão. Salva o corpo de ir da infância direto para o caixão. Salvou minha alma de desaparecer de mim. Salvou meus pés do passado.

CAPÍTULO 3

# [Je suis le plus beau]

Eu ainda sinto saudade de muita coisa.

É passado e eu ando no presente, mas sinto saudade dele todos os dias.

Tá na memória.





# [A mente desértica]

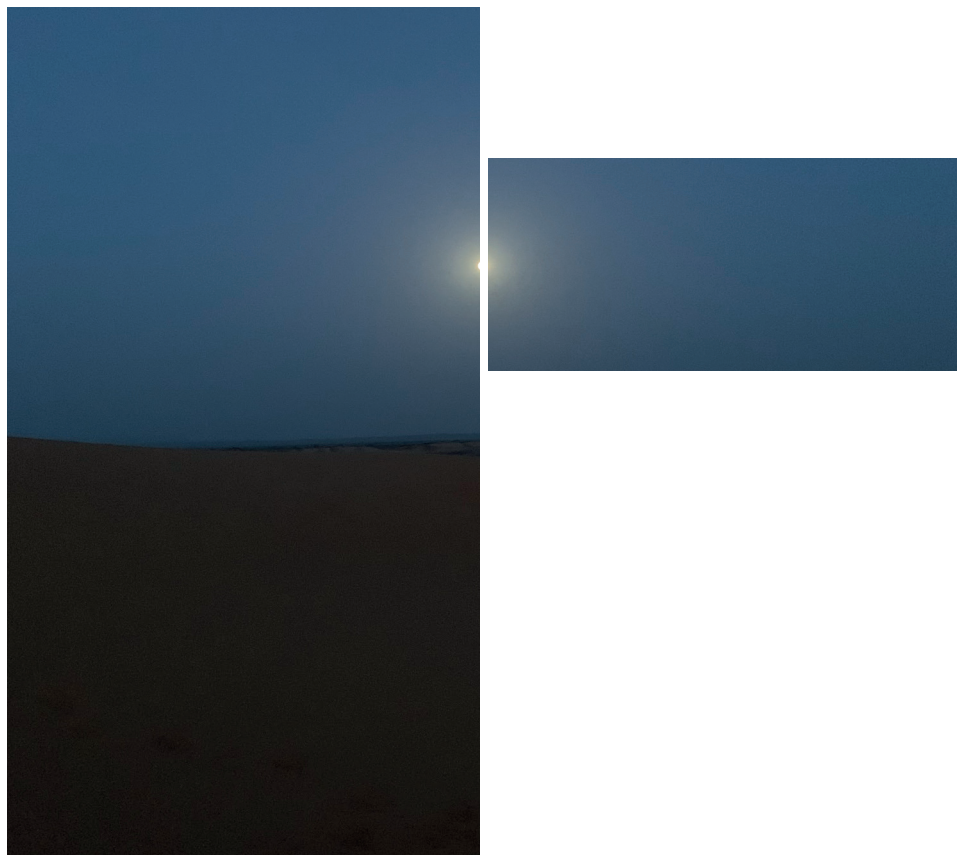
Na grandiosidade e monotonia do Saara é propício sentir que, naquele espaço, a vida presente, o amor universal não tem fim ou mesmo início. É possível até, no calor do momento, sem o fôlego companheiro e refém do criminoso mar de areia que roubou o lugar do oceano — eterno cemitério de baleias — que o próximo segundo a chegar seja o fim que iniciará um novo.

As palavras cruzadas revelam mistérios milenares dos povos que caminham aqui noite e dia, um detalhe tão pequeno impresso em nós que, com um pouco de esforço, é desvendado através da escrita, para além do papel. Uma menção nossa num espaço em branco que, de alguma forma, se torna resposta. Podemos nos apropriar do desejo do mundo de nos fazer ir em direção à essa passagem tênue que quer ser descoberta. Ir do trabalho à escuridão, do desamparo à completude.

Antes de tentar trilhar o caminho da vida, passei por apertos até que um dia decidi que era demais ficar sozinho, fragmentado em dois ou três para fazer-me companhia. A questão é que estar nessa situação de penumbra, bêbado e com o futuro apenas na cabeça é muito mais confortável que de verdade viver



e perceber que esse passo pode te levar até um espaço vazio-flutuante-extasiante, um medo. O esvaziamento é a mente recompensando com sentimentos grandes, bons, de ilusão, a história que ela mesma (se Deus quiser) criou. Um mecanismo de defesa cerebral, diz-se do corpo e de tudo que seja parte do lógico, que entra em conflito com a essência do espírito, da alma, que desde certo ponto ali nos 25% sabia que meu corpo nunca seria dEle, e eu ainda não acredito totalmente nisso.



DESERTO DO SAARA

Hoje, tenho saudade de alguém que permiti tomar conta da minha vida diária, a preencher um espaço que sempre — meus pais se divorciaram tantas vezes que já não guardo mais as memórias felizes da família — foi vazio. Não sei se comentei nas linhas de antes, mas existem alguns problemas na comunicação pai-mãe-filho, deles que até me amam, mas se separam 36 vezes e eu desaprendi a crescer no meio do caminho. Tem uma questão de deficiência emocional ali que é difícil de abordar. É mais fácil pensar que é muito amor disponível, mas que pouco dele é fácil e, por isso, não o recebi por inteiro.

Seguimos na área do suposto corpo cheio de amor que é menos pesado emocionalmente, espero. Odeio que sintam em mim negatividade. Decidi, também, que não olharei por trás das novas palavras enquanto relembro os momentos dessa história, quero que a memória venha e não se misture com qualquer medo ou intenção de se fazer cronologicamente confusa. O importante é que desde que descobri parte da minha sexualidade, busco por um homem que me protegerá, do que não sei exatamente, mas sempre visando um futuro que nunca chega.

Aos 13 anos, mais ou menos, quando o eu coroinha aceitou que a Igreja Católica tinha mais pecados que santidade ou que a santidade era afirmada a partir dos pecados cometidos e o perdão sobre eles — provavelmente a desculpa mais inteligente do mundo para sair safo de um pensamento “criminoso” ou criminoso mesmo —, a vida começou. O renascimento de uma

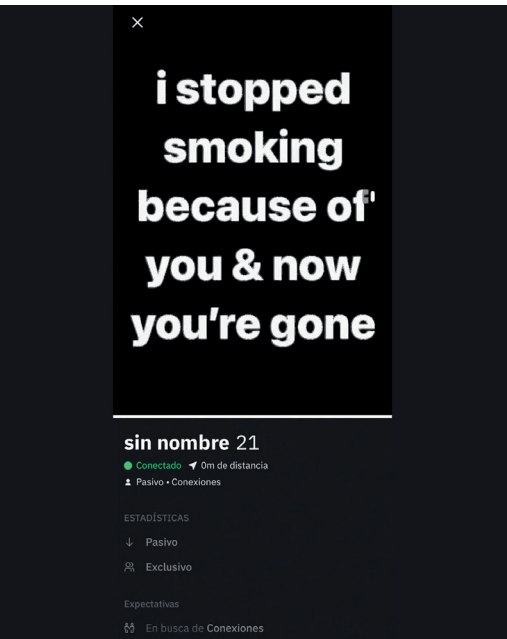
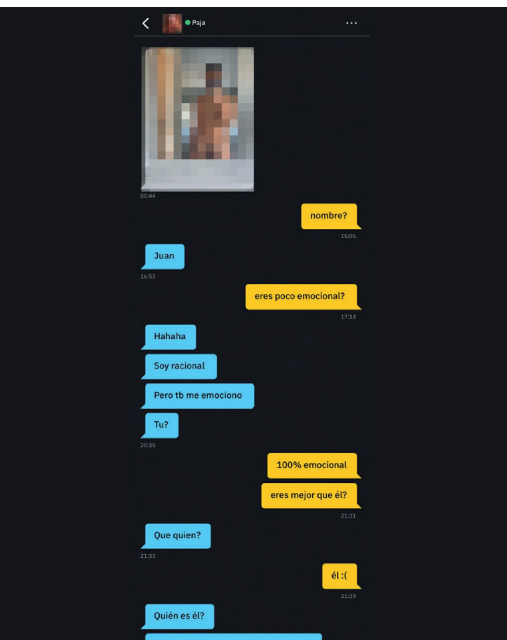
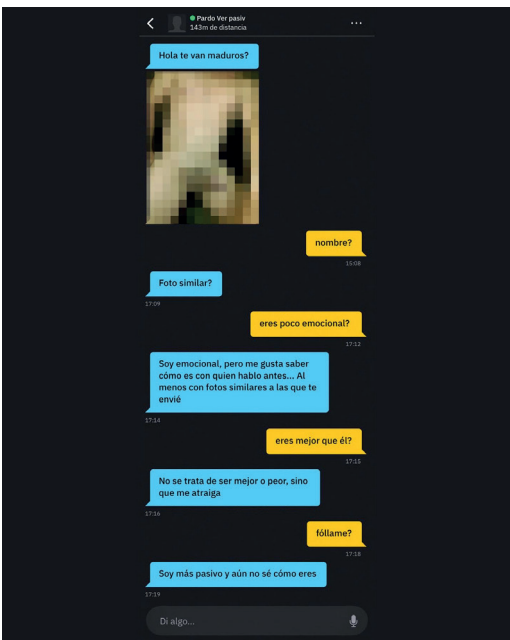
criança que aceita a diferença que a mesma carrega e sabe que é o que vai estar com ela pelo resto de sua vida. Para ele foi perigoso, tinha um tal de Moisés<sup>23</sup> maluco para operar um milagre e guiar um hebreuzinho.

Os dias seguem e depois de alguns perigos 13-23 e 16-34, o 22 de agora está mais ciente, mas buscando pela mesma coisa: um HOMEM, pelo amor de Deus. Parece patético ler o que tô escrevendo em tempo real (prometi que não ia ler o que vinha por trás, sigo focado apenas em cada letra que sai do sagrado teclado). Eu já tive alguns, todos foram um problema na construção da minha história, parece que combinaram de me proporcionar a experiência mais dramática até então.

O @eduardoqueirozq do terceirão, enquanto eu do primeiro, e que boa parte dos alunos safados estava na intenção de sabe sei lá o que com ele. Por esse eu matava aula e ia junto para a primeira cabine do banheiro masculino do segundo andar direto, às vezes rolava no banheiro destinado para PCDs — peço desculpas por isso, sei agora que não era hora nem lugar para isso. A real é que eu era muito imaturo e assustei o cara quando postei nas redes uma comemoração de 1 mês juntos (1 mês da primeira vez que ficamos, mas para mim o relacionamento estava firmado) com a imagem de nós dois na cadeira do cinema. Durante “Capitão América: Guerra Civil” inteiro ele fez carinho no meu rosto, com a minha cabeça em seu ombro e me beijou, 148 minutos de >amor<. A primeira vez que senti algo sendo construído.

Logo depois, apareceu o Gabriel do Tinder, que desisti de investir porque achava que acharia um mais bonito. ATÉ QUE ele começou a se envolver com o Matheus<sup>1</sup>. Este, nós encontramos no metrô um dia, quando eu ainda estava envolvido, e me foi dito que os dois já haviam tido um encontro de bocas. Depois que o nosso não foi para frente, eles voltaram a se encontrar bucalmente e deu no que deu: fui e voltei 6x mais interessado que antes. Uma noite dormi na casa de Gabriel, eu para um lado e ele para o outro na cama de solteiro, mas deu bem na posição que a genitáliassa dele ficou perto das minhas mãos, que foram acionadas pelas dele (que mexiam nas minhas pernas). Acabou que eles terminaram, comecei a jogar Free Fire com o Matheus<sup>1</sup> através de um amigo em comum e nos envolvendo-nos. No fim, os dois reataram e voltei à estaca 0.





## CHATS NO GRINDR

100% emocional

A tal da estaca 0 é onde me tenho visto constantemente. Tenho que botar música triste para tocar, se não não sinto que sinto o suficiente para escrever ou fazer qualquer coisa que envolvam os meus próprios sentimentos, não consigo descrevê-los até. A história continua com um Matheus<sup>2</sup>, um Eros, um Daniel, um Tiago, uns outros para sempre possíveis amores e voltamos ao deserto. Não sei onde estava em espírito para me entregar a esse caos, mas fez parte de uma trajetória necessária.

Nasci domado, doutrinado, fui convertido, pecado, violentado, esvaziado e dei um jeito de reencontrar o espírito da coisa.





## CAPÍTULO 5

# [Bicho]

12 de maio de 2024 - Ônibus, a caminho da cabana.

Dois dias atrás tomei um voo do Rio de Janeiro e parti para a Patagônia argentina em busca de uma caminhada menos calorenta. Cheguei ontem em Neuquén Capital, de onde iria de ônibus até a Villa Pehuenia, numa cabana no Lago Moquehue. Entretanto, como tudo que é demasiadamente planejado tem seu curso alterado pelo universo, a viagem foi cancelada devido à neve escorregadia em parte do trajeto.

Acho interessante mencionar que quase levei um golpe dos hackers que roubaram a conta de Whatsapp da empresa de viagem. Não era a ideia mais inteligente tentar comprar uma passagem de ônibus transferindo dinheiro através de um link suspeito que me enviaram por mensagem, confesso, mas eu confiei em você, Fernando.

Não importa. Escrevo do ônibus nesse momento, às 17:55 do dia 12 de maio de 2024. Chego na cabana em pouco tempo, menos de uma hora, provavelmente. Levo comigo nessa viagem:



13 de maio de 2024 -

1. Eu;
2. A Alma;
3. 1 (um) pacote aberto de bolacha;
4. 1 (uma) mala com roupas de frio e equipamentos de fotografia e filmagem (emprestados pelo Cadu em troca de uma garrafa de Fernet);
5. 1 (uma) mala com objetos úteis de caminhada e oração.

A paisagem é estupidamente linda. Estou entre sol e neve, a floresta um ente querido.

14 de maio de 2024 - Escada, cabana.

Não sei se tenho olhado para fora ou se tem chegado a mim, como de fora ao interior, a paisagem. É impossível parar de pensar nas ondas do lago Moquehue que não param de ir. Elas vão, uma depois da outra, algumas por cima da anterior, quase numa competição da que chegará primeiro, e nada mais parece sair do lugar.

As árvores, apesar de seus galhos e folhas encantadas pelo vento, se vinculam ao chão. As montanhas, apesar dos processos naturais de erosão, levam bilhões de anos paradas. O píer, apesar de estar em condições de ruína, resiste contra a corrente da água. E as ondas continuam, enquanto eu a miro. Não lembro de ter visto o lago parar de avançar. De repente ele o faz quando não estou de olho, quando abaixo a cabeça para descrevê-lo e ele ri de mim. Não tem uma parte dessa corrente que vejo ir para trás e mesmo que eu esteja sentado de frente para onde as ondas quebram, a vejo indo, nunca vindo. “Um colega de caminhada” poderia ser seu apelido, ele que segue sua própria rota e ritmo e esbarra comigo no meio de tudo isso.

A árvore, as montanhas e o píer também seguem seus trajetos, a prova está nas folhas que caem e nascem novamente, na rocha que se molda ao vento e à chuva, na madeira que apodrece, no ferro que corrói, no algo novo, de natureza semelhante ao anterior, que se constrói. Os ciclos se renovam e comparti-

lham da mesma condição: ir avanti, deixando por aí os rastros físicos e imaginários.

É justo dizer que toda coisa que esteja com o corpo disponível, todo ser que se disponibilize à experiência sensível do mundo, está em movimento avanti. A floresta muda a cada instante porque ela é integral. O mover-se através do vento, a vontade de crescer e a abertura ao que o mundo oferece naquele instante identificam a integralidade de seu corpo. Os rastros que nos ficam, a prova de que ela passou por aqui, são as folhas soltas e o registro mental da posição dos galhos desde a última olhada nossa.

Fico parado, vendo as coisas se moverem em volta enquanto na mente surge o canto “Recomeçar, sem me esconder. Atrás de um ditador existe um grande amor. Eu sempre fui apaixonado por você. Reinventar, resplandecer. O que não apagou, em mim nada mudou. Eu sei que o sonho ainda pode acontecer” (Belo, “Reinventar”, 2009). E me deito sobre uma plataforma que flutua nesse corpo d’água vendo a vida passar, tudo a caminhar enquanto eu paro. Um momento para apreciar o meu, agora, amigo lago.

É possível que eu esteja me apaixonando de novo. O sol é testemunha desse grande encontro. O humano natural e a natureza humanizada. Um que deixa rastro, o rastro que fica, o aqui que coleciona os caminhos alheios e, sob essa bola de fogo, matura as ideias que servirão como pele de cobra.



O presente nos segue e o que deixamos para trás já não é mais nosso, mas do aqui que a cada passo se torna um lá trás. Esses segundos presentes, resquícios, pegadas e pensamentos que já não possuímos mais autonomia vigente sobre, se tornam matéria orgânica que aduba a passagem. Um dia, quando olharem o pico de uma montanha, me verão lá (eu, a alma e os pés de algum tempo que já foi). Não se sabe exatamente o que há de ser percebido ali que nos nomeará e tal reconhecimento — e a falta dele — já não me preocupa mais. Devemos focar na trilha a ser descoberta agora, enquanto marcamos o solo. Porém, apenas desejo que a visão dos que cruzarão por caminhos próximos aos que foram meus esteja aferindo o mundo como é após o contato dos que já foram: o calor do corpo que passa, o degelo; a força da pegada, o relevo; o cansaço, o ar rarefeito do pico; a fome, os animais em carcaça; o sono, a lua e as estrelas; a sede/ suor/ desidratação/ trabalho duro/ engenharia/ fábrica ativa/ produção e falta de energia, o sol.

PATAGÔNIA



15 de maio de 2024 - Cama, cabana.

Eu tenho que correr. Tenho que correr, andar, deixar muita coisa para trás e, mesmo me dizendo que o presente é precioso, não posso deixar de flertar com a opção de me preparar para as perdas futuras.

Existe muita coisa em jogo, todas tão cósmicas, pequenas cápsulas de possíveis porvires à espera de uma pequena rachadura na casca para ocuparem enormemente essa dimensão. Mancha flutuante entre céu e chão, uma refugiada do grupo de muitas outras, encaminhada por um passo torto que se dá.

É assustador abrir mão das romantizações safadas, das situationships, das respostas que poderia ter deferido ao meu chefe neoliberal num certo dia ensolarado. Não sei nem o que vou fazer se meus pais morrerem e tentar desprender-me desse pensamento é como pedir demais, mas viver ao contrário é torturante.

Alguns dias são mais esperançosos e menos melancólicos do que os dias nos quais as incertezas reinam. Escrever tem sido parte do meu próprio processo de desprendimento. Ainda estamos todos aqui, nessa travessia do ser burlado-humilhado socialmente a caminho da essência ecológica da coisa no mundo.

A lembrar: no fim, o que nos resta é o meio. Nem lá nem muito cá, somente um pé que vai após o outro equilibrando o corpo em algum canto no emaranhado de cordas da vida.





SALTO "CAMINHADA LENTA"

16 de maio de 2024 - Lago Moquehue.

Somos fluxo, banhando o mundo com as nossas vontades, o desejo de chegar até estar. Vamos em todas as direções regidos pelo sol que desce no oeste. O amor pela vida começa com o surgimento dessa luz, queimando na nuca, o olhar vidrado no horizonte, sem mapas ou confiança nos satélites criados por nós na esperança de nos encontrar num lugar físico e literal que não nos pertence.

Atrás de mim vai o vento com uma chance única de presenciar a passagem desse pequeno animal solto em campo aberto, e este de enxergar o vento. Segue-se em todas as direções, tomando todas as curvas necessárias para chegar onde a luz cai. Vagar por aí e adormecer. Amo eternamente, desde o início até o final do dia, quando a luz visível da principal fonte completa seu ciclo frente aos olhos e continua seu caminho debaixo dos pés.

Seguir o pôr do sol é um lembrete para amar de novo e novamente e seguir, mais uma vez, a sua luz seguinte. Com o nascer, nasço, com o recolher, penso, espero, pauso, morro e insiro mais um pedaço da memória na eternidade, mais um dia sendo portador do querer.

O corpo metafísico pede por tais anseios cíclicos a fim de renovar as estradas. Hoje, caminho até lá, chego mais tarde, descanso, amanhã recomeço e chego de novo. É pela lei. O movi-

mento da alma. A energia que só se consegue do lado de fora no pé com chão, evento dos eus espalhados na meiuca atmosférica.

Um fator determinante para a manutenção dos caminhos é o entendimento da influência que as ações humanas têm sobre o mundo, e, após rápida navegação em qualquer página web ou noticiário, fica marcado em nós a urgência do desvio de poder dos seres ocidentais imperialistas sobre o restante, nós no sul global da periferia capitalista ou em qualquer lugar distante do centro, a fim de seguirmos caminhando e libertos.

O solo está degradado, esse espaço não nos suporta mais, não sustenta mais o consumo egoísta dos afetados pelas instituições religiosas: os canais de fofoca, a agropecuária, os *gadgets* eletrônicos, a moda baseada nos lixões de Bangladesh e o cristianismo. Não quero nunca mais me sentir culpado por ir contra às crendices de homem que não se permite comer cu de homem. Tampouco quero ser mundano porque é deles a característica de ser “próprio do mundo, em especial o mundo material”<sup>10</sup>. É possível encontrar a Terra verdadeira no meio das falácias globais?

As escolhas conscientes trazem segurança à comunidade. Há que ter força para se desvincular das perigosas formadoras de opinião para, ao menos, tentar viver uma vida íntegra. Não temos que abandonar o que está danificado, seguindo para

<sup>10</sup> Dicionário *Oxford Languages*.

onde não foi tocado por essas mãos marionetistas — se é que ainda existem tais lugares —, mas reclamar as boas práticas primitivas. Dar permissão ao corpo que sonha em novamente ser influenciado pelos acontecimentos naturais e somente eles, uma boa mudança de rota ao redor do rio que se fortaleceu e um pouco de pedras no caminho.

Assim, nos deixamos levar por estímulos genuínos das relações humanas-naturais e, logo, humanas, tornando tudo o que nos assola diariamente não mais uma preocupação. Nada mais é injusto, todas as coisas boas não tem um fim. Começa a mudança de visão sobre o nosso abuso dos recursos naturais e a evolução do humano cada vez mais bicho. Começa a, literalmente, cair por terra o sentimento da alma de ser enterrada viva a cada vez que se caminha e vem à mente um *hot topic* TMZ.



17 de maio de 2024 - Lago Moquehue.

O afastamento da cidade, um momento de reclusão no campo ou num contexto natural mesmo dentro da cidade, como os jardins botânicos, denuncia as crises naturais e políticas, da floresta que tenta tomar seu lugar em meio às construções e os prédios que lutam contra. De quem é o direito de habitar essa superfície terrestre? Essa competição clarifica nosso estar atual e, efetivamente, a necessidade de intervenção. Se após o afastamento voltamos, se após a caminhada na montanha suburbana retornamos à casa, devemos trazer conosco o que de bom absorvemos no caminho.

Temos que fazer da cidade não mais um espetáculo<sup>11</sup>, sem as trapaças contra a nossa própria integralidade. Dizem que quando se voa, a alma vai por terra, a pé. Então, ousar dizer que, a partir da vista aérea, é possível ver a nossa vida acontecendo lá embaixo, como se o descolamento do pé com o chão nos desse a oportunidade de visualizar uma linha do tempo com os rastros das civilizações que já não existem mais, mas que influenciam o nosso aparecer no mundo, e as que estão para acabar, nós mesmos. Ocorre um tipo de suspensão do tempo que nos convida a pensar na “figura utópica da cidade” de Louis Marin, algo que se situa entre o panorama e o geometral:

<sup>11</sup> Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*.

*A vista panorâmica apresenta-se como uma elevação, uma visão frontal: o olhar é grudado ao solo, a cidade está ao longe, mas só vemos dela os primeiros prédios, os outros permanecem ocultos. O geometral apresenta-se, por seu turno, como um plano: a cidade é oferecida numa olhada em sua totalidade, mas como pura superfície, figura geométrica.*<sup>12</sup>

O “entre” é algo alimentado por tudo o que ocorre no intervalo da visão frontal e da planície urbana, é a cultura, os movimentos individuais e globais, a falta de pudor (a transgressão do que é estabelecido por lei artificial), a experiência e as falhas encontradas por aí. Algo que valha a pena e que nos faça nunca mais dedicar tempo às vazias acumulações de dados. Sistemas, grupos, forças armadas e tribunais, todos grandes ingratos oficiais da justiça. O espaço atual deve ser revogado imediatamente! Tem que ser exposto antes de seguirmos à floresta.

*Desejamos mudar alguma coisa no mundo presente. Pois a vista de pássaro nos deu o espetáculo das nossas cidades e do país que as cerca e esse espetáculo é indigno. [...] O avião denuncia!*<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Jean-Marc Besse, *O gosto do mundo, exercícios de paisagem*.

<sup>13</sup> Le Corbusier, citado por Jean-Marc Besse.

18 de maio de 2024 - Mirante das antenas.

Estar pela floresta como fungo e sistema digestivo<sup>14</sup>. Aí se dá o relacionamento humano natural, receber e dar de comer. O dia que meu corpo físico morrer, acostado na mata, os fungos tomarão de volta tudo o que recebi deles nesses anos. O reino Fungi vai reabsorver todos os nutrientes que coletamos da terra e que alimentam as jornadas individuais dos seres.

Vendo as antenas parabólicas no mirante onde estou, pensando em toda a evolução tecnológica nos últimos 20 anos, os quais estive presente de corpo e cérebro, a boca abre para dar um suspiro. Como sobrevivemos a tantas mudanças tão radicais? E o mais importante: como nos deixamos esquecer da própria origem?

Podemos transpirar tanta energia através da vontade de conhecer a nós mesmos e o nosso papel como habitantes do aqui e agora que somos capazes de entregar ao contexto em nossa volta nutrição que alimenta o solo e abre os caminhos. Assim, podemos tentar recuperar o que temos negligenciado. É só dizer sim, primeiro, para a mente, depois botar os dedos inferiores abertos para tocar o mundo e pimba.

---

<sup>14</sup> *Fungos Fantásticos*, filme dirigido por Louie Schwartzberg.

A gente não pode desejar mudança sem oferecer potência<sup>15</sup>. A consequência? O contato cada vez mais latente dos membros que se posicionam entre a cabeça do globo (campo magnético) e os pés (núcleo interno).

---

<sup>15</sup> Cadu.





PATAGÔNIA

19 de maio de 2024 - Sofá, cabana.

Não sei se tenho pedido demais de mim mesmo e de todos que se sintam convocados por essa escrita. Entretanto, enquanto falo de sentir o sensível do mundo e transicionar, através da caminhada, do mais um alguém no sistema urbano para o ser que respira em sua totalidade, escuta o chamado da primitividade humana absorvendo pelos poros verdade e transpirando errância, eu penso no mestrado que quero fazer, no novo posto de trabalho que tenho me dedicado em conseguir, na finalização desse material textual para apresentá-lo diagramado e vendável.

Seria utópico pensar que no nível técnico, estético e consumista que muitas sociedades se encontram hoje ainda é possível reverter completamente a situação para dedicar-se apenas ao autoconhecimento, pois essa é uma tarefa infinita que requer desprendimento de basicamente tudo o que, hoje, nos move. Até Thoreau enfrentou a força do que podemos chamar de espetáculo quando, em seu ato de desobediência civil, decidiu largar para a floresta, vivendo a vida mais natural que conseguira, e começou a ser importunado por turistas curiosos com o eremita.

Continuo vendo ele em tudo o que eu faço e cada coisa que vejo. Não houve um dia que não pensei nele.

Não há mais o que dizer porque não quero chorar. Só sei caminhar e o que eu pensava ser uma jornada inacabável da busca por mim, se tornou um consolo. Ando triste, essa é a verdade. Às vezes encontro felicidade em pequenas coisas, pequenos momentos que tiro para agradecer por ter a chance de sentir tudo isso e saber que estou aberto aos acontecimentos que surgirem. Tenho medo de parar tempo suficiente para deixar tudo assentar, porque quando esse momento chegar — o tal passado que tanto disse não importar —, a única pessoa que poderei culpar por todas as mágoas serei eu.

Não é possível encontrar alívio ao cobrar de outros indivíduos reparos de situações que não se consertarão, de fato. O que foi feito, está feito. Hoje, posso me culpar por escolher seguir em frente e ainda ter forçar para abrir-me. Me coloco em tal posição porque prefiro andar e sofrer do que não andar em primeiro lugar.



20 de maio de 2024 - Floresta.

Que barulho é esse?

Que luz é essa?

Que casa é essa?

Quem é ele?

Por onde ele entrou?

Quais pecados ele cometeu?

Que armas ele trouxe?

Quais intenções ele têm?

Quantos minutos ele usará me olhando pela janela?

Quando ele sairá?

Quando ele sairá? :)

21 de maio de 2024 - Cama, cabana.

À mercê da chuva, das gotas que caem irregularmente no telhado, dos rangidos da madeira, do cachorro latindo lá fora, de alguma torneira que têm pingado lá embaixo, do wifi desconhecido que meu celular reconheceu agora há pouco, dos passos em volta da cabana.

Hoje é meu último dia aqui. Não sei como despedir-me de mim porque um abandono tão grande quanto esse deixa qualquer um sem saber o que fazer — a única alternativa é sair de fininho.

Existe a teoria de que se correr o bicho pega e se ficar o bicho come, então caminharei. Nenhum bicho se incomodaria com um passante calmo, sem das intenções maléficas. Talvez ele nem perceba que passei. Mais tarde teremos a prova e se escutarem de mim mais uma vez, sobrevivi.



PATAGÔNIA

PATAGÔNIA



# [Textos & referências]

## *Bibliografia geral*

BARTES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. 1a edição. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

BENJAMIN, Walter. A Infância em Berlim por volta de 1900. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BESSE, Jeam-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CADU. Hornitos. Plataforma Atacama, 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2, Vol. 5. 2a edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

GROS, Frédéric. Caminhar, uma filosofia. São Paulo: É Realizações, 2010.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2012.

NAVARRO, Santiago García. 73 notas sobre a deriva (fragmentos). São Paulo: MAM 32o Panorama da Arte Brasileira, 2011.

SOMMER, Michelle. Práticas contemporâneas do mover-se. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2015.

THOREAU, Henry David. Caminhando. 3a edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

VIEIRA, Marcelo Pires. Reinventar. Primavera. Sony Music, 2009.

*Capítulo 1: [A memória & o mensageiro]*

Frédéric Gros, *Caminhar, uma filosofia*.

*Capítulo 2: [Amor raiz]*

Brenda Almeida, *X* (27/03/2024).

Tim Ingold, *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*.

Michelle Sommer, *Práticas contemporâneas do mover-se*.

Henry David Thoreau, *Walden*.

Cadu, *Estações*.

Walter Benjamin, *Infância em Berlim por volta de 1900*.

Karim Elwasiaa, *A Alma fala e eu esvazio*.

*Capítulo 5: [Bicho]*

Dicionário *Oxford Languages*.

Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*.

Jean-Marc Besse, *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*.

Le Corbusier (1935).

Louie Schwartzberg, *Fungos fantásticos*.



Esse livro foi composto com a fonte EB Garamond,  
corpo 12 pt e entrelinha 18 pt. Miolo impresso no pa-  
pel Pólen Bold 90g e capa no Couchê Fosco 150g na  
Gráfica J. Sholna.

Rio de Janeiro, junho de 2024.

**NA CAMINHADA  
MEUS COMPANHEIROS  
OS BICHOS TODOS  
QUE DEIXARAM PEGADA**

**CAMINHO  
ERRANTE E SOZINHO  
SOU BICHO  
PREGADOR**